

Brizola quer Sarney até o fim

O candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, rechaçou ontem a redução do mandato do presidente Sarney, quer seja pela adoção do parlamentarismo ou em função de um acordo entre políticos e o governo, por acreditar que a medida não resolveria os problemas do País. Brizola, um dos mais atuantes críticos do presidente Sarney, supõe que a situação brasileira, "apesar de caótica", não chegará ao nível das dificuldades enfrentadas pela Argentina, onde os entendimentos políticos reduziram o mandato do presidente Raúl Alfonsín, antecipando em seis meses a posse do seu sucessor, Carlos Menem.

"O candidato acredita que o melhor a ser feito agora é o 'Governo trabalhar com espírito público para evitar que a crise continue se agravando'".

"O povo quer um mínimo de eficácia" — afirmou, dizendo-se disposto a reunir representantes dos trabalhadores, das entidades civis e religiosas e empresários na formulação de uma proposta que direcione os procedimentos governamentais. Ele contesta a iniciativa do Congresso Nacional, tendo-a apenas como uma manobra pré-parlamentarista encabeçada pelos defensores deste sistema de governo, como é o caso do senador Nelson Carneiro, presidente do Senado. "O que eu vejo ali é um jogo para mudar o regime de governo. Seus integrantes não querem a normalidade, querem, sim, lesar os interesses do povo".

Criticou também a defesa do parlamentarismo feita pelo ex-prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, considerando-a como "mais um lance do golpe contra o povo". Jânio, aconselhou Brizola, deveria se recolher à sua aposentadoria. Tanto os que atuam diretamente em direção ao parlamentarismo quanto os que apóiam a ideia foram considerados por ele "golpistas agindo para impedir que o povo exerça seu direito de votar". Tudo o que perturbar este ritual será "casuístico", entende ele.

REFORMAS

Leonel Brizola concorda que o regime híbrido definido pela Constituição, dando superpoderes ao Congresso Nacional, dificulta a administração do País, pelas "contradições e incoerências" que gerou, apontadas por ele desde a Constituinte. Este é um dos pontos que ele pretende atacar logo que for eleito, como supõe que será, partindo do princípio de que o Brasil está "arrendo na crise sem encontrar seus caminhos". "Logo, se as instituições a nível constitucional se mostram negativas, incongruentes, devem ser ajustadas à boa prática democrática". O que implicará, dentro de sua visão, fazer o Legislativo cumprir com a sua função fiscalizadora, enquanto o presidente da República assume de vez suas funções, "com rigor, legitimidade e finesse".

"O presidente que se distancia de suas responsabilidades leva o País ao desgoverno. O Executivo está dependendo de seus poderes, repassados ao Congresso de forma inconsequente, até por não ter como exercê-las", disse Brizola, ao esclarecer como vê o quadro atual.

O candidato do PDT justificou o fato de não ter apresentado até agora nenhum plano econômico, alegando que não vê nenhuma eficiência neste tipo de procedimento, adotado pelos demais candidatos. Se isto resolvesse alguma coisa, disse que já teria encomendado um plano "pelo reembolso postal a alguns dos doutores do País".

"Eu pediria ao doutor Jaguaribe (o cientista político Hélio Jaguaribe do PSDB) que me mandasse um plano", ironizou.

O candidato garantiu que o fato de ter sua candidatura formalizada na Convenção do PDT, encerrada ontem, não mudará seu estilo nem o levará a buscar novas estratégias de ação. Informou que continuará agindo "impregnado pelo processo social", buscando a credibilidade junto à população, que atuará inclusive contra o desarranjo econômico, ao invés de seguir uma rota predeterminada e "tecnocrata".

Ele retomou os ataques contra os monopólios dos meios de comunicação, reiterando que vai disciplinar as concessões para impedir o "esquema cartorial hoje existente". A fórmula para chegar a isto está sendo definida, estando ele disposto a "bater às portas do Congresso, do Judiciário e a formular as medidas administrativas necessárias".

"Um traficante de drogas, um bandido não pode receber concessões" — disse, pregando "isenção e rigor na escolha dos concessionários". Também voltou a disparar contra o candidato do PRN, Fernando Collor, "um marajá e mentiroso que, se nunca colocou ninguém na cadeia, não fará nada diferente daqui pra frente".

"Ele não me preocupa. Na hora de sacudir o galho, quero ver qual é o macaco que se sustenta lá em cima" — observou.

AMAZÔNIA

Brizola prometeu criar o Ministério da Amazônia, reunindo em um único local todos os órgãos que tratam da região, direta ou indiretamente. Outro de seus pontos de desacordo, as pesquisas eleitorais, voltaram a ser combatidas "por fazerem parte de um sistema dirigido". O PDT, informou, se sente na obrigação de fazer sua própria checagem, provavelmente através do Instituto Alberto Pasqualini, para evitar a parcialidade com que o Ibope e outros órgãos estariam agindo. Brizola se disse "feliz" por ter finalmente encontrado um dos eleitores ouvidos pelos pesquisadores, ainda que o mesmo tenha relatado a forma parcial como isto se deu.

"Ele respondeu que votava em mim. E o pesquisador perguntou por que ele não votava em Collor" — contou.

A trégua entre ele e o PTB também chegou ao fim, depois de naufragarem todas as tentativas de adesão. Brizola disse supor que o partido está sob influências que impediriam o acordo. Uma delas é a do Governo Federal fortalecida pelo fato do presidente do PTB, Paiva Muniz, dirigir um órgão público, a Datamac, processadora dos dados da Caixa Econômica Federal. Muniz teria sido até chamado pelo presidente Sarney quando o processo estava em andamento.

RAIMUNDO PACCO



Ao lado de dona Neuza, Brizola faz com Lyra o gesto de vitória na convenção do PDT